

A AUTOMEDICAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

AUTOMEDICATION IN THE COVID-19 PANDEMIC: AN INTEGRATIVE REVIEW

ANA CAROLINA GERMANO PENA¹; ANDRÉ LUCAS LIMA OLIVEIRA²;
GABRIELLY FERREIRA PIRES³; NATHÁLIA MAGALHÃES
ALCÂNTARA⁴; DANIELLE SILVA ARAÚJO⁵

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo geral identificar a prevalência da automedicação e seus fatores associados durante a pandemia da COVID-19. Portanto, realizou-se uma revisão integrativa da literatura a fim de selecionar os artigos para responder o objetivo proposto. Utilizou-se as bases de dados PubMed e SciELO onde foram adicionados os descritores COVID-19 AND automedicação. Ao final da busca, foram selecionados um total de 10 artigos que atendiam os critérios de inclusão previamente descritos. Verificou-se uma alta prevalência de automedicação decorrente do isolamento social na pandemia da COVID-19, principalmente em adultos, estudantes e profissionais da área da saúde, onde os medicamentos e suplementos foram usados como forma de prevenir ou tratar a COVID-19, antes de serem internados e aliviar alguns sintomas como dor de cabeça e febre. Destacam-se os antibióticos, AINEs e suplementos vitamínicos (vitamina D e C) como os mais utilizados durante o período de pandemia. O problema da automedicação nesse período deve ser resolvido o quanto antes, por isso se destaca o papel do profissional farmacêutico na orientação, promoção de medidas de prevenção, conscientização dos efeitos adversos, a fim de evitar o hábito da automedicação nos próximos anos.

Palavras-chave: COVID-19. Isolamento Social. Automedicação. Antibiótico. Suplementos vitamínicos.

ABSTRACT

This study aimed to identify the prevalence of self-medication and its associated factors during the COVID-19 pandemic. Therefore, an integrative literature review was carried out in order to select the articles to respond to the proposed objective. The PubMed and SciELO databases were used, where the descriptors COVID-19 AND self-medication were added. At the end of the search, a total of 10 articles that met the previously described inclusion criteria were selected. There was a high prevalence of self-medication due to social isolation in the COVID-19 pandemic, mainly in adults, students and health professionals, where medicines and supplements were used as a way to prevent or treat COVID-19 and alleviate some symptoms such as headache and fever. Antibiotics, NSAIDs and vitamin supplements (vitamin D and C) stand out as the most used during the pandemic period. The problem of self-medication in this period must be resolved as soon as possible, which is why the role of the pharmacist in guiding, promoting preventive measures, raising awareness of adverse effects, in order to avoid the habit of self-medication in the coming years.

Keywords: COVID-19. Social isolation. Self-medication. Antibiotic. Vitamin supplements.

¹ Farmácia/Faculdade Unida de Campinas, anacarolinagermanopena@gmail.com

² Farmácia/Faculdade Unida de Campinas, aandrellucas132@gmail.com

³ Farmácia/Faculdade Unida de Campinas, gabyferreirapires9@gmail.com

⁴ Farmácia/Faculdade Unida de Campinas, nathimagalhaesalc@gmail.com

⁵ Biomedicina, Doutora em patologia molecular-UnB, danielle.araujo@facunicamps.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A Covid-19 é causada pelo novo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Severa (SAR-CoV-2), de rápido contágio onde suspeita inicial é que o vírus infectou primeiramente animais e em seguida foi transmitido entre humanos (SCHUCHMANN et al., 2020). Os primeiros casos de COVID-19 foram confirmados na China no final de 2019, e logo a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia, quando em março de 2020, foram registrados a contaminação em 117 países (WHO, 2020).

Além de atingir diversos países do mundo, a pandemia também impactou no estilo de vida de toda a população, uma vez que foi necessário adotar de imediato o distanciamento social, fechando estabelecimentos, escolas, e todo tipo de aglomeração para evitar a propagação do vírus (MALTA et al., 2020). Esse distanciamento trouxe inúmeras consequências, sendo elas na rotina da saúde física e principalmente na saúde psicológica, como crises de ansiedade, transtornos e depressão (PENHA et al., 2021).

Foram notáveis os impactos na saúde dos indivíduos durante a pandemia, o que desencadeou uma maior procura de estratégias medicamentosas para aumentar a imunidade (BOMFIM; GONÇALVES, 2020). Associado a isso, a sociedade também experimentou mudanças nas regras de acesso a serviços e produtos médicos. A frequência de visitas aos médicos diminuíram no período de isolamento social, o que levou à uma maior procura de medicamentos sem indicação médica, fato conhecido como automedicação (VEIGA et al., 2021).

A automedicação envolve o uso de medicamentos pelo consumidor para tratar distúrbios ou sintomas auto reconhecidos (OMS, 2000). Estudos anteriores avaliaram a prevalência e as características da automedicação durante a pandemia da COVID-19, relatando o uso de vários medicamentos, como antibióticos, anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) e suplementos alimentares, como tratamento ou prevenção (ANDRADE; MORENO; LOPES-ORTIZ, 2021). A mídia se apresentou como uma grande responsável por aumentar essa prática entre a população, uma vez que levou informações equivocadas sobre medicamentos contra o vírus (VARGO et al., 2021).

Os AINES geralmente agem inibindo a enzima cicloxigenase e por isso são fármacos utilizados no tratamento de dor pós-operatória, osteoartrite, artrite reumatoide e dores musculoesqueléticas e seus principais efeitos são anti-inflamatório, analgésico e antipirético (VILETTI; SANCHES, 2009). Os antibióticos são substâncias produzidas com objetivo combater ou inibir o desenvolvimento de bactérias (CALLAU et al., 2018). Já a suplementação

de vitaminas são como fonte de nutrientes na forma concentrada, isolados ou em combinação, comercializados em cápsulas, comprimidos, pós ou soluções e através dessa fonte de nutriente, obtém-se o efeito de retardar o envelhecimento, combater o estresse, prevenir doenças e melhorar a saúde (BRASIL, 1998; ABE-MATSUMOTO; SAMPAIO; BASTOS, 2015).

É importante destacar que a automedicação apresenta vários riscos à população, como reações adversas a medicamentos, interações medicamentosas, resistência a antibióticos, toxicidade medicamentosa, mascaramento de sintomas, alguns dos quais podem levar a complicações letais (XAVIER et al., 2021). Durante a pandemia de COVID-19 devido a automedicação, aumentou a notificação de reações adversas a medicamentos onde um estudo na França verificou que 3,7% das reações adversas estavam relacionadas à automedicação, (GRAS et al., 2021), um valor baixo quando comparado ao percentual de reações adversas encontradas no Brasil, nesse mesmo período (WIROWSKI et al., 2022).

Diante disso, observa-se que é de grande relevância o tema abordado, para uma ampla visão das consequências deixadas pela pandemia. Uma vez identificadas, as mesmas poderão ser avaliadas, e medidas de recursos terapêuticos deveram ser aplicados para tratar todo trauma deixado pela pandemia da COVID-19 na população, na qual sofreu um impacto irreparável e poderá ter uma vida mais digna com tratamentos pós pandemia. Portanto, o objetivo geral do presente trabalho foi identificar a presença da automedicação e seus fatores associados durante a pandemia da COVID-19.

2 REFERENCIALTEÓRICO

2.1 Pandemia da COVID-19

A doença do coronavírus (COVID-19) é uma infecção respiratória provocada pelo novo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2) (SCHUCHMANN et al., 2020). Os primeiros casos de Síndrome Respiratória Aguda Severa (SARS), causada pelo Sars-CoV-2, surgiram na China, no final de 2019. Em março de 2020, 117 países já haviam reportado a ocorrência de casos, fazendo com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarasse a existência de uma pandemia. Neste contexto, a COVID-19 é transmitida pelo contato de pessoa para pessoa, espirro, tosse, catarro, gotículas de saliva, e também pelo contato da boca, nariz ou olhos, e até mesmo, por meio de objetos e superfícies contaminadas (WHO, 2020).

Os coronavírus (CoVs) são membros da família *Coronaviridae*, um grupo de vírus de RNA, do gênero é o *Betacoronavirus*. O SARS-CoV-2 possui uma identidade filogenética de

80% com o coronavírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV) e 50% de semelhança com o coronavírus da síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS-CoV), que causou surtos globais em 2002–2003 e 2011, respectivamente. O SARS-CoV-2 é considerado como um vírus de rápida disseminação que foi inicialmente transmitido de animais para humanos e posteriormente transmitido de humano para humano (ROTHAN; BYRAREDDY, 2020).

A contaminação pelo vírus pode causar alguns problemas a saúde, podendo variar de pessoa para pessoa. Na maioria dos casos os indivíduos irão apresentar sinais e sintomas semelhantes ao de uma gripe comum, como por exemplo, mal-estar, febre, fadiga, tosse, dispneia leve, dor de garganta, dor no corpo, dor de cabeça ou congestão nasal. No entanto, algumas pessoas também podem apresentar diarreia. Os idosos, indivíduos imunossuprimidos e com comorbidades preexistentes poderão apresentar uma forma mais agravada do vírus, que pode causar até a morte (ISER et al., 2020). Portanto, ainda são escassas as informações e achados científicos sobre o assunto, o que torna relevante a sua discussão e pesquisa.

2.1.1 Impactos no estilo de vida durante a pandemia da COVID-19

A presença de um novo vírus entre a população causou diversas mudanças na rotina, uma vez que uma das principais medidas de segurança para evitar a contaminação foi o distanciamento social, que reduziu aglomerações e maior contato entre as pessoas. Dessa forma, observou-se o fechamento de diversos estabelecimentos comerciais e escolas. Parte da população passou a trabalhar e estudar de forma remota (MALTA et al., 2020). O isolamento social separou as pessoas contaminadas das não contaminadas, enquanto o distanciamento social reduziu aglomerações de pessoas. Já a quarentena foi adotada para a retenção de atividades e separação de indivíduos que provavelmente tinham sido expostos ao vírus (AFRASHTEH; ALIMOHAMADI; SEPANDI, 2020).

Todo o processo de diminuição do contato social por mais de 1 ano levou à impactos relacionados ao psicológico dos indivíduos, ocasionando problemas como o aumento da ansiedade e depressão. A insegurança, o estresse e o medo foram alguns desafios enfrentados pelas pessoas que foram ou não acometidas pelo vírus (CASTRO et al., 2021).

O período pandêmico levou mudanças no estilo de vida, hábitos e costumes de forma brusca e repentina. A sensação de perda da liberdade, angústia, solidão, distanciamento dos familiares, impotência, insegurança quanto ao futuro, preocupações com entes queridos, pânico e o luto desencadearam alterações do bem-estar físico e mental da população (ZWIELEWSKI,

et al., 2020). As condições psicológicas desenvolvidas ou agravadas na pandemia despertou um aumento na procura de psicofármacos. A fim de amenizar os sintomas e recorrência de crises, as pessoas foram em busca de tratamento. Os medicamentos mais utilizados foram os benzodiazepínicos e os antidepressivos, que são indicados para tratar transtornos mentais, ansiedade e depressão (PENHA et al., 2021).

O distanciamento social afetou não só fatores psicológicos, como também implicou nos hábitos saudáveis, uma vez que houve diminuição da prática de atividade física e uma alimentação menos saudável que reduzem a eficiência do sistema imunológico e consequentemente as pessoas ficam mais suscetíveis a adoecer (PINHEIRO et al., 2021). Os impactos na alimentação durante a pandemia foram significativos, pois, o acesso aos alimentos *in natura* foi limitado, em consequência da dificuldade no transporte, distribuição, entrega e a diminuição das compras regulares de supermercado, ocasionando uma maior ingestão de alimentos ultraprocessados, como *fast foods*, bebidas alcoólicas, salgados, refrigerantes, panificados, doces e alimentos prontos para o consumo, que são ricos em açúcares e gorduras. Além disso, houve uma redução de alimentos saudáveis necessários, como frutas, vegetais frescos e componentes ricos em proteínas. Dessa forma, facilitando a ocorrência de doenças tais como, obesidade e aumento da pressão arterial (COSTA et al., 2022).

Diante desses fatos, observou-se que as alterações no estilo de vida impactaram diretamente na saúde dos indivíduos, o que levou a uma maior procura de estratégias medicamentosas para aumentar a imunidade (BOMFIM; GONÇALVES, 2020). Associado a isso, a sociedade também experimentou mudanças nas regras de acesso a serviços e produtos médicos. A frequência de visitas aos médicos diminuiu no período de isolamento social, o que levou à uma maior procura de medicamentos sem indicação médica, fato conhecido como automedicação (VEIGA et al., 2021).

2.2 Automedicação na pandemia da COVID-19

A automedicação é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a seleção e o uso de medicamentos sem prescrição ou supervisão de um profissional habilitado (OMS, 2000). A automedicação inclui a compra e uso de medicamentos de venda livre, medicamentos somente prescritos e sobras de medicamentos fora do recomendado. O farmacêutico deve ter total competência sobre seus limites de dispensação em caso de automedicação, devendo orientar, avaliar o caso, e intervir quando necessário, em casos graves conduzir a hospitais (SILVA et al., 2016).

A automedicação é uma prática ampla e variável em diferentes comunidades de acordo com gênero e idade. No Brasil, a raça e os fatores demográficos também possuem uma variável significativa para o acontecido. A raça indígena com 29,8%, é a que possui a maior prevalência na utilização de medicamentos, logo em seguida a parda com 25,2% e preta com 18,4%, com a menor prevalência de automedicação encontra-se a etnia branca com apenas 15,4% de prevalência. De acordo com Pons et al. (2017), as três regiões brasileiras que possuem a maior taxa de automedicação são o Nordeste com 27,0%, Centro-Oeste 21,0% e Norte 20,1%. Já as que possuem o menor índice são as regiões Sudeste 14,8% e Sul 13,7.

Durante a pandemia da COVID-19, consultas e visitas clínicas eram sinônimo de exposição ao vírus, aumentando a probabilidade de se infectar. Consequentemente, a população começou a praticar a automedicação como uma medida de sobrevivência para se manter segura e evitar a exposição a um patógeno de coronavírus potencialmente fatal (COLBERT.; VENEGAS-VERA; LERMA, 2020). No entanto, diversos outros fatores também podem ter levado ao aumento da automedicação na pandemia, como as diversas informações que circulam pelos meios digitais (MALIK et al., 2020).

Outro fator que predispõem a automedicação durante a pandemia é a cultura enraizada, em que a medicação é feita pela avó, pai, mãe mas não por um profissional da saúde. Isso ocorre pois é passado através das gerações conhecimentos empíricos relacionados a medicamentos ou fármacos ou pelo fato de que no Brasil existem falhas no serviço de saúde especializado onde se tem grandes esperas em filas e atendimentos ruins. Com isso, querendo evitar esse tipo de transtornos e constrangimentos ocasiona-se a automedicação (SIQUEIRA et al., 2006).

2.2.1 Influência da mídia na automedicação durante a pandemia

As medidas preventivas durante a pandemia levaram ao aumento do tempo de uso de telas, como celular, computador e televisão. Juntamente com o avanço da era digital, observou-se o aumento da disponibilidade de informações, principalmente em redes sociais (VARGO et al., 2021). Essa situação aumentou a influência da mídia social em relação à desinformação sobre medicamentos, levando à confusão e pânico do público e ao aumento da automedicação, incluindo remédios caseiros, sem segurança e eficácia estabelecidas (MALIK et al., 2020).

A mídia apresenta grande poder influenciador. De acordo com que a pandemia crescia, a mídia foi se tornando uma ferramenta importante para a comunicação, sendo possível procurar informações e repassá-las. O uso das mídias sociais durante a pandemia aumentou de 20 a 87% no mundo e com isso, propagações de notícias falsas aumentaram juntamente com as

prescrições sobre o tratamento contra o vírus, o que fez com que as pessoas fossem às farmácias e comprassem todo o estoque (SILVA NETO et al., 2022).

O fato de ser um vírus ainda desconhecido, trouxe uma onda de pesquisas com o intuito de encontrar tratamento para a condição e até mesmo estratégias de prevenção. Nesse sentido, a falta de interpretação correta de resultados de estudos nesse assunto levou à disseminação de informações falsas e o uso de medicamentos não comprovados cientificamente no tratamento da COVID-19 (SOUZA et al., 2020).

Além disso, para diminuir os efeitos causados pelo vírus, muitas pessoas começaram a se automedicar por causa de informações empíricas repassadas por grupos de *WhatsApp* ou até mesmo pela própria mídia (jornais, telejornais, reportagens, etc), ocorrendo vários efeitos adversos inesperados (BRITO, 2020). Um dos exemplos é a hidroxicloroquina, onde o Ministério da Saúde (MS) publicou autorizando o uso da hidroxilcloroquina para tratar sintomas leve da doença. Porém logo após o Conselho Nacional da Saúde (CNS) publicou que era contra esse documento, pois estudos em revistas renomadas como *Journal of Medicine* comprovaram graves e fatais efeitos adversos e que atrapalham no tratamento (BRASIL, 2021).

2.2.2 Agentes de automedicação mais utilizados durante a pandemia

Como descrito anteriormente, a automedicação na pandemia foi caracterizada principalmente pelo uso de medicamentos que eram divulgados como possíveis tratamentos e prevenção da doença. No entanto, é importante destacar que, a automedicação já acontecia antes e aumentou na Pandemia. O uso de analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios e antibióticos sem a prescrição médica, foi a resposta de uma pesquisa realizada com estudantes, sobre doenças relacionadas a infecções, sintomas da gripe e inflamações, onde 66,10% se automedicam com analgésicos e 59,32% com anti-inflamatórios (ANDRADE; MORENO; LOPES-ORTIZ, 2021).

Na Pandemia da Covid-19, ficou conhecido o “Kit-Covid” ou “Tratamento precoce”, que sem comprovação científica conclusiva ganhou repercussão ao que seria usado como profilaxia e tratamento para a doença, onde estavam relacionados a Hidroxicloroquina, Azitromicina, Ivermectina, Nitazoxanida e das vitaminas C, D e o suplemento Zinco (MELO et al., 2021).

Um estudo realizado em 2020 verificou que a prevalência de automedicação para prevenção e tratamento de COVID-19 foi de 33,9% em adultos hospitalizados com COVID-19 e 88% na população em geral. Além disso, os pesquisadores analisaram os motivos dessa

automedicação em pacientes com COVID-19, sendo os principais: doença de emergência, demora no atendimento hospitalar, distância do posto de saúde e proximidade da farmácia (QUINCHO-LOPEZ et al., 2021).

Quadro 1 – Quantidade de medicamentos comercializados durante a pandemia e seus respectivos motivos para a automedicação.

Medicamento	Quantidade vendida nos anos de 2020 e 2021 (kg)	Possíveis motivos da automedicação durante a pandemia	Referência
Vitamina C	88.979.453	Aumento da imunidade, prevenção	Holford et al., 2020
Azitromicina	51.854.210	Tratamento	Menezes; Sanches.; Chequer, 2020
Nitazoxanida	13.240.435	Reduzir as reações inflamatórias	Al-Kuraishy et al., 2022
Vitamina D	51.345.003	Melhora do sistema imunológico, prevenção	Silvio et al., 2021
Hidroxicloroquina	3.211.879	Prevenção e tratamento	Singh et al., 2021
Ivermectina	90.115.644	Tratamento	Pandey et al., 2020
Dexametasona	30.389.556	Diminuir o grau de hiper-inflamação pulmonar	Goldoni; Ferreira; Soares, 2022
Colchicina	3.246.896	Anti-inflamatório, tratamento	USP BR, 2021
Dipirona	194.529.053	Tratar sintomas leves	Mesquita; Melo, 2021
Paracetamol	74.336.518	Tratar sintomas leves	Pandolfi et al., 2021
Ibuprofeno	62.229.875	Tratar dor e febre	Sridharan et al., 2020

Fonte: Adaptado de Conselho Federal de Farmácia, 2021.

Quincho-Lopez e colaboradores (2021) também observaram em sua pesquisa que os medicamentos mais utilizados para automedicação na pandemia foram a vitamina C ou polivitamínicos e antimaláricos, adquiridos principalmente em farmácias. Um outro estudo realizado no Peru constatou que os principais medicamentos usados para automedicação na COVID-19 foram paracetamol, ibuprofeno, azitromicina, penicilina, antirretrovirais e hidroxycloroquina para uma variedade de sintomas, incluindo febre, fadiga, tosse, espirros, dores musculares dor, congestão nasal, dor de garganta, dor de cabeça e dificuldade respiratória (QUISPE-CAÑARI et al., 2021).

Em 2022, pesquisadores avaliaram estudantes de medicina e funcionários de um centro de atendimento terciário durante a pandemia de COVID-19 e verificaram uma prevalência de 50,4% de automedicação entre eles, onde 50% desses adquiriram os medicamentos diretamente na farmácia, entre eles o paracetamol, vitamina C, zinco, polivitamínicos, vitamina D,

azitromicina, xarope para tosse e ibuprofeno (ACHARYA; SHRESTHA; KARKI, 2022).

2.3 Riscos à saúde advindos da automedicação

A automedicação é um problema de saúde pública porque apresenta diversos riscos, como reações adversas a medicamentos, interações medicamentosas, resistência a antibióticos, toxicidade medicamentosa, mascaramento de sintomas, alguns dos quais podem levar à complicações letais (XAVIER et al., 2021). Além disso, a automedicação pode estar associada a dosagem incorreta, via de administração incorreta, uso prolongado, armazenamento inadequado, interações medicamentosas, risco de dependência e abuso, tornando-se um grave problema de saúde pública em todo o mundo (AITAFO et al., 2022).

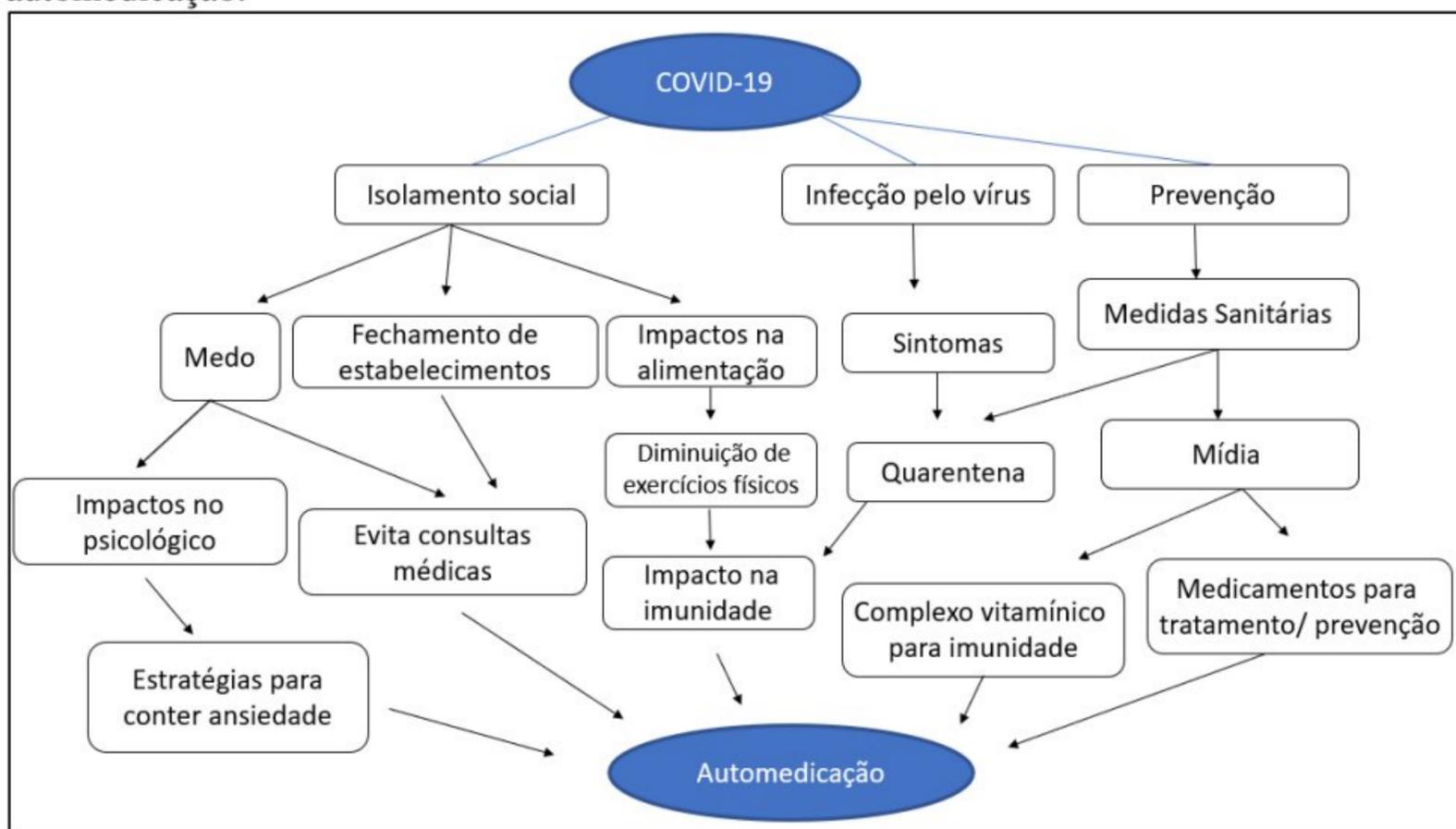
O uso de alguns analgésicos para aliviar sintomas, pode levar a inflamação e até mesmo infecção. Desta forma, consumir anti-inflamatórios, analgésicos podem impedir um diagnóstico. Além disso, podem causar os efeitos adversos como alguns distúrbios gastrointestinais, reações alérgicas, hepatotoxicidade, entre outros (OLIVEIRA; DUTRA; AZEVEDO, 2021).

Antimicrobianos usados com frequência, tornam as bactérias resistentes e dificultam o tratamento, fora o risco de reações alérgicas e intoxicações. Por este motivo, exige-se a orientação médica e fiscalização adequada dos antibióticos. Os anti-histamínicos são bastante usados em casos de rinites alérgicas, e seu uso incorreto ou exacerbado pode diminuir a alergia, mas não podem ser controlados (BRAOIOS et al., 2013).

Outra classe bastante utilizada sem o auxílio médico, são os laxantes. Eles possuem quatro classificações segundo seus efeitos, sendo eles: expansão de volume fecal, emolientes, estimulantes gastrointestinais e laxantes osmóticos. O risco do uso constante de laxantes pode levar a cólicas, mal-estar, inchaço, desidratação e flatulências. E os antigripais, que combatem os sintomas de resfriados e gripe, podem levar a dores estomacais, dores de cabeça, insônia entre outros (GONÇALVES; BOSSOLANI, 2020).

A pandemia de COVID-19 aumentou a notificação de reações adversas à medicamentos, associadas à automedicação. Um estudo na França verificou que 3,7% das reações adversas à medicamentos relatadas estavam relacionadas à automedicação (GRAS et al., 2021). Observa-se, portanto, grandes impactos da pandemia da COVID-19 para a automedicação, como demonstrado de forma resumida na Figura 1.

Figura 1 – Fatores relacionados à pandemia da COVID-19 que levaram ao aumento da automedicação.



Fonte: Os autores, 2023.

Além disso, as consequências da automedicação não podem ser subestimadas, pois pode levar a resistência a antibióticos gerada pelo uso excessivo de antibióticos, sangramento induzido por aspirina, arritmia devido à hidroxicloroquina e supressão do sistema imunológico que pode ser devido ao uso de corticosteróides (SHRESTHA et al., 2022).

O uso de antibióticos sem prescrição ou autotratamento já era uma prática comum antes da pandemia, no entanto, houve um aumento significativo da automedicação desse fármaco, uma vez que era utilizado como tratamento para a doença. Além disso, Dentre os principais antibióticos utilizados destacam-se penicilina, cefalosporina, fluoroquinolonas, metronidazol e tetraciclina, sendo a indicação mais comum para automedicação a infecção do trato respiratório superior (JIRJEES et al., 2022).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho tratou-se de uma revisão integrativa da literatura, para coletar evidências científicas sobre a prevalência da automedicação na pandemia da covid-19. Após consultar os sites Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e os *Medical Subject Headings* (MESH terms), foram selecionados os seguintes descritores: *covid-19 AND self-medication*. Os descritores em português também foram selecionados (COVID-19 AND automedicação).

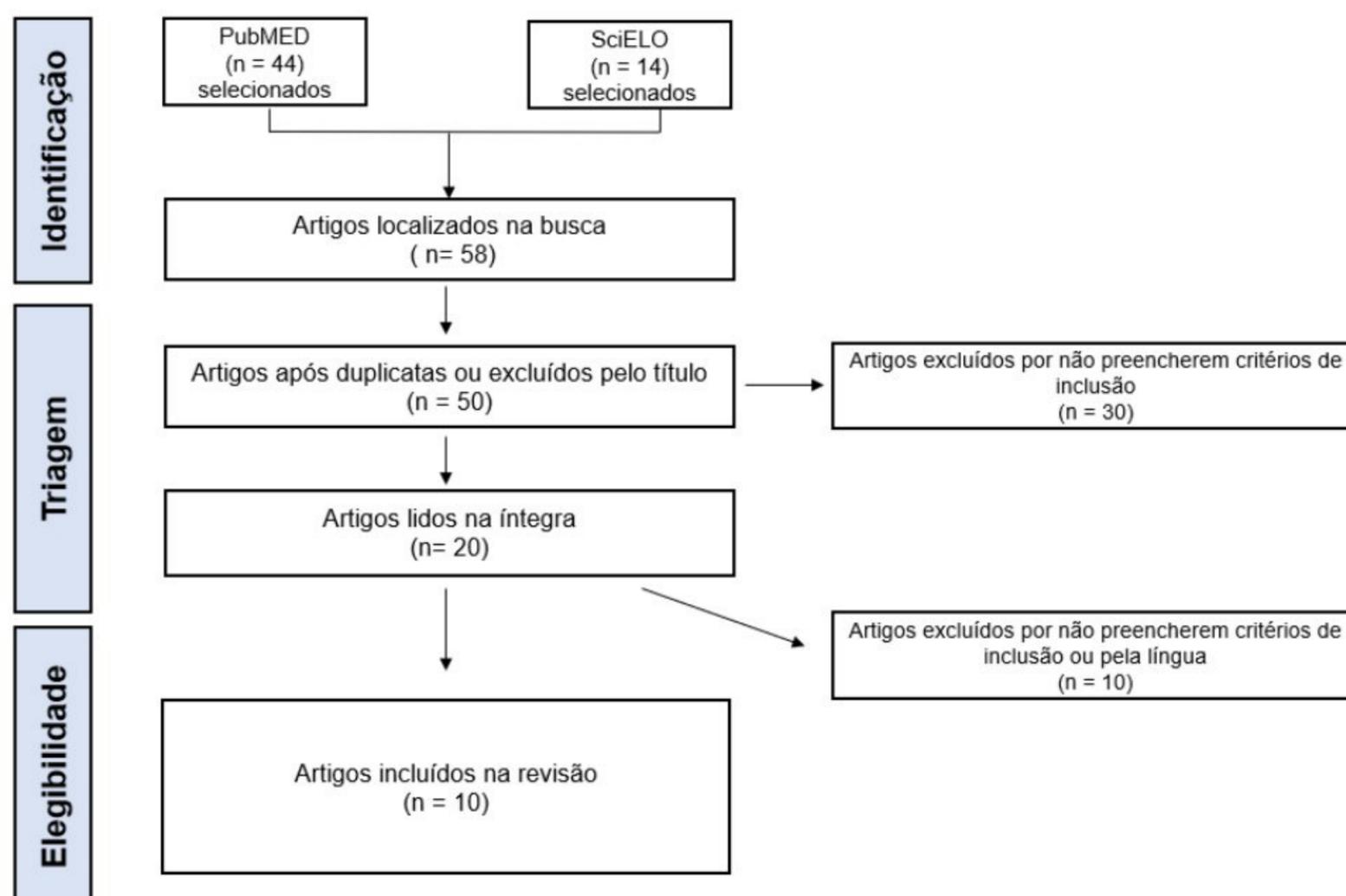
A busca de artigos foi realizada nas bases de dados PubMed (*US National Library of*

Medicine) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e foram adicionados filtros para refinar a busca, como período de publicação (últimos 3 anos) e estudos clínicos. Após filtradas as buscas, os trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e publicações em congressos científicos foram excluídos.

A partir das pesquisas realizadas, após aplicação dos filtros, encontrou-se 44 artigos no PubMed e 14 no SciELO, sendo que destes foram excluídos 2 estudos, que se apresentavam em duplicata. Em seguida, realizou-se a avaliação dos títulos dos artigos encontrados e foram excluídos 7 da base de dados SciELO e 23 da PubMed. A leitura dos resumos dos artigos selecionados após análise de títulos levou à uma exclusão de um total de 20 artigos, por não avaliarem especificamente a indivíduos durante a pandemia ou por não classificarem numericamente os dados de automedicação.

Por fim, o somatório de resultados obtidos nas duas bases de dados foi de 10 referências. Feito este processo, as referências foram devidamente catalogadas e realizou-se a leitura e a avaliação criteriosa dos textos. A Figura 1, apresenta de forma esquemática, o processo de busca dos estudos do presente trabalho.

Figura 1 – Fluxograma de seleção dos artigos para a revisão integrativa da literatura sobre a automedicação nos tempos de pandemia da COVID-19.



Fonte: Os autores, 2023.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Todos os estudos selecionados analisaram a automedicação relacionada com o intuito de prevenção e tratamento de alguns sintomas comuns na COVID-19, entre eles dor de cabeça, febre, perda de olfato, dor de garganta, dores musculares e fadiga (Quadro 1). Diversos foram os países que realizaram pesquisas nesse tema, entre eles EUA, Arábia Saudita, Peru, Colômbia, Polônia, Irã, França, Paquistão e Brasil. Por se tratar de um tema que aborda a pandemia, apenas estudos recentes foram selecionados, sendo 20% de 2020, 20% de 2021 e 60% de 2022.

As metodologias utilizadas para a avaliação da automedicação pela população durante a pandemia variaram entre os estudos, no entanto, observou-se que a maioria das pesquisas utilizaram questionários *online* para a análise da automedicação entre a população. Outros estudos utilizaram entrevistas por telefone, pesquisa com pacientes internados em hospital, estudo transversal através de questionários *online*, pesquisa pelas redes sociais e questionários em centros de saúde. Em relação à amostra populacional dos estudos, observou-se pouca variação de faixa etária, com prevalência de indivíduos adultos e jovens adultos e apenas um dos estudos incluiu idosos na amostra.

Dentre os diversos medicamentos utilizados na automedicação durante a pandemia, destaca-se os anti-inflamatórios não-esteroidais (AINEs), relatados nos estudos de Faqih; Sayed, (2020), Quispe-Cañari et al., (2021), Toure et al., (2022) e Wirowski et al., (2022). Faqih; Sayed (2020) avaliaram adultos com faixa etária de 18 a 85 anos, através de questionários *online* e verificaram que entre os AINEs, o paracetamol e ibuprofeno foram os mais utilizados pelos indivíduos da pesquisa, para vários fins analgésicos, seguido por diclofenaco e meloxicam (FAQIHI; SAYED, 2020).

Resultados compatíveis foram encontrados no estudo de Yasmin et al. (2022) ao verificarem que 65,2% dos estudantes de medicina no Paquistão no período da pandemia entre 18 e 20 anos, responderam ter usado Paracetamol, sendo o AINE mais utilizado. Destaca-se que os dois estudos citados acima foram realizados com estudantes da área da saúde, o que poderia indicar uma prevalência aumentada da automedicação por esses indivíduos durante a pandemia (FAQIHI; SAYED, 2020; YASMIN et al., 2022).

Outro estudo demonstra que as taxas de automedicação entre estudantes de medicina, farmácia e enfermagem são extremamente elevadas desde antes da pandemia, chegando a 94,5%, 89,5% e 88,6%, respectivamente (SILVA et al., 2015). Isso indica que a maioria dos estudantes considerava que o sintoma apresentado não era motivo para procurar um médico, o

que pode estar associado à autoconfiança dos acadêmicos para essa prática clínica, influenciada pelas propagandas, informações da internet e conhecimento adquirido durante o curso de graduação (SILVA et al., 2015).

Quadro 1 - Consolidado de estudos selecionados sobre a prevalência da automedicação na pandemia da COVID-19 em diversos países (n=10)

Autor, ano e país	Objetivo principal	Metodologia	Número amostral	Faixa etária da amostra	Principais medicamentos usados na automedicação	Principais resultados
Norton et al., 2022 (EUA)	Analisar dados sobre uso de suplementos e sua combinação com automedicação em pacientes da Universidade de Arkansas que foram em locais de teste de COVID-19	Entrevistas por telefone	8.150	Adultos com menos de 50 anos	Vitamina C (33,2%) Multivitaminas (23,6%) Vitamina D (9,6%)	Os participantes relataram usar os medicamentos e suplementos para prevenir ou tratar o COVID-19
Barros-Sevillano et al., 2021 (Peru)	Analisar a eficácia da automedicação precoce (antes da internação por COVID-19)	Pesquisa com pacientes internados em um hospital	132	Sem dados	Azitromicina, Amoxicilina (28,3%) Ivermectina (20,7%) Corticosteroides (17%)	Os pacientes relataram uso da automedicação antes da internação
Faqihi; Sayed, 2020 (Arábia Saudita)	Gerar dados sobre a prática de automedicação com analgésicos usando AINEs e paracetamol e antibióticos entre estudantes de enfermagem do University College Farasan Campus durante a pandemia	Estudo transversal através de questionários	177	Adultos entre 20 e 23 anos	Paracetamol (57%) Ibuprofeno (20%) Diclofenaco (5%) Meloxicam (3%) Azitromicina (2%)	Elevada prática de automedicação entre os estudantes devido a alguns sintomas, como: dor de cabeça e febre
Gaviria-Mendoza et al., 2022 (Colômbia)	Caracterizar os padrões de automedicação em 4 cidades da Colômbia durante o isolamento preventivo obrigatório em 2020	Pesquisa <i>online</i> por redes sociais	397	Adultos com média de 31 anos	Medicamentos para alívios de sintomas no sistema nervoso (86%) Sistema musculoesquelético (50%) Preventivos da COVID-19 (7,4%)	Os participantes relataram automedicação principalmente com medicamentos analgésicos do sistema nervoso e medicamentos para prevenir a COVID-19
Makowska et al., 2020 (Polônia)	Examinar as mudanças e a imposição de um <i>lockdown</i> de 3 meses em relação a automedicação dos poloneses	Pesquisa online	1.013	Maiores de 18 anos	Medicamentos preventivos (16,6%) Formulação sem consulta (16,8%)	Os comportamentos relacionados à automedicação eram mais comuns entre os poloneses antes do <i>lockdown</i> do que durante o <i>lockdown</i> . 16,6% tomaram medicamentos por prevenção à COVID-19

Naseri et al., 2022 (Irã)	Mães lactantes em automedicação durante a pandemia da COVID-19	Questionário em centros de saúde	221	Entre 30 a 37 anos	Acetaminofeno (22,3%) Composto de Gelofen (13,5%)	A automedicação em mães lactantes foi alta, principalmente para tratamento de sintomas de resfriados
Quispe-Cañari et al., 2021 (Peru)	Verificar sobre a prática da automedicação da população adulta	Questionário online	3.792	Entre 18 e 85 anos	281 pessoas - Ibuprofeno 182 pessoas - Azitromicina 87 pessoas - Penicilina 60 pessoas - Antirretroviral 28 pessoas - Hidroxicloroquina	A maioria dos entrevistados se automedicou com acetaminofeno por sintomas respiratórios e principalmente por estar resfriado ou gripado. Idosos utilizam mais antirretrovirais
Toure et al., 2022 (França)	Explorar a frequência e os fatores de risco da automedicação contra COVID-19 por profissionais de saúde	Entrevistas com questionários	975	Entre 27 e 40 anos	Azitromicina, amoxicilina e ampicilina (42,2%) Paracetamol (37,4%) Vitamina C (27,9%) Hidroxicloroquina (23,8%) Plantas medicinais (13,6%)	Os profissionais de saúde praticaram amplamente a automedicação durante a pandemia de Covid e sem testes de diagnóstico e relataram automedicação devido os seguintes sintomas: fadiga ou astenia, dor de garganta, perda de olfato e dor de garganta
Yasmin et al., 2022 (Paquistão)	Determinar e analisar a prevalência de práticas de automedicação entre estudantes de medicina no Paquistão durante a pandemia	Estudo transversal, através de questionários online	489	Entre 18 e 20 anos	Paracetamol (65,2%) Polivitamínicos (56,0%)	São comuns as práticas de automedicação entre estudantes de medicina e farmácia. Os motivos relatados para o uso desses medicamentos incluíram resfriado/gripe ou medidas preventivas para COVID-19, com febre, dores musculares, fadiga, dor de garganta e tosse
Wirowski et al., 2022 (Brasil)	Mensurar a prevalência da automedicação para COVID-19 e fatores associados entre adultos jovens durante a pandemia no Brasil	Estudo transversal, através de questionários online	349	Entre 18 e 35 anos	Paracetamol (55,3%) Vitamina D (31,6%) Ivermectina (30,7%) Dipirona (30,7%) Vitamina C (26,3%)	Os participantes relataram que o sintoma que mais levou à automedicação foi a dor de cabeça, o maior motivo para automedicação foi a prevenção de COVID-19, sendo a principal razão já ter o medicamento em casa

AINES: anti-inflamatórios não esteróides; EUA: Estados Unidos da América.

A automedicação entre estudantes da área da saúde parece ser semelhante nos profissionais dessa área já formados, como foi evidenciado por um estudo com profissionais de saúde na França (TOURE et al., 2022). Os médicos e enfermeiros se automedicaram durante a pandemia principalmente com antibióticos, sendo 42,2% do uso de azitromicina, amoxicilina e ampicilina. Em seguida com 37,4% mais utilizado pelos profissionais foi o paracetamol, que pertence a classe dos AINEs (TOURE et al., 2022).

Obsevou-se que os fatores associados à automedicação entre estudantes e profissionais da saúde eram semelhantes, como febre, dores musculares, fadiga ou astenia, dor de garganta, tosse, perda de olfato e dor de cabeça. Esses principais sintomas estavam associados a infecção da COVID-19, no entanto, estudos relataram que os sintomas eram similares aos de gripe comum, o que poderia explicar a automedicação uma vez que a maioria não realizava exames para identificação do vírus (OSORIO; RODICIO, 2021; NASERI et al., 2022).

Quispe-Cañari et al. (2021) também verificaram que indivíduos adultos que apresentavam sintomas associados à gripe faziam a automedicação de azitromicina e penicilina. A automedicação de antibióticos para o tratamento do vírus da COVID-19 é um ponto que deve ser destacado, visto que durante os altos índices de infecção por COVID-19 no mundo, houve um crescimento exacerbado do uso desse tipo de medicamento (GILLIES et al., 2022). A azitromicina também foi considerada como um medicamento muito utilizado na pandemia por pacientes antes da internação, como relatado por Barros-Sevillano et al. (2021).

As vendas do antibiótico azitromicina aumentaram aproximadamente 31%, no ano de 2021. Foi relatado que pacientes utilizavam antibióticos como possibilidade de tratamento preventivo e na tentativa de impedir possíveis complicações futuras da doença. No entanto, não há comprovação científica que justifique a eficácia desses fármacos nesses casos, o que demonstra a falta de conhecimento acerca das infecções e utilização de antibióticos (MELO et al., 2021). Ainda, destaca-se que a automedicação de antibióticos contribui para o aumento da multirresistência bacteriana, sendo necessário orientar e esclarecer, tanto profissionais da saúde como a população, sobre a ineficácia desse medicamento para prevenção e tratamento de COVID-19 (MALCHER et al., 2022; FREIRES; JUNIOR, 2022).

Um outro fator prevalente observado entre os estudos como motivo da automedicação foi a prevenção de infecção pelo vírus. Wirowski et al. (2022), Makowska et al. (2020), Gaviria-Mendoza et al. (2022) e Norton et al. (2022) encontraram o fator prevenção como incentivador da automedicação, principalmente por Ivermectina. Esse medicamento é um antiparasitário que foi muito procurado e utilizado no período pandêmico, pois surgiram estudos *in vitro* que apontavam um potencial antiviral contra o Sars-CoV-2. A disseminação dessas informações

nas redes sociais incentivou o seu uso para se proteger do vírus. No entanto, a ivermectina possui reações adversas, interações medicamentosas que podem prejudicar e/ou agravar o quadro de saúde do indivíduo. A automedicação leva também a riscos de superdosagem e posologia incorreta (DOS SANTOS; DE OLIVEIRA, 2022). Portanto, verifica-se que sem comprovação científica e evidência suficiente a ivermectina foi usada como na profilaxia como no tratamento da COVID-19.

Por fim, além dos diversos tipos de fármacos na automedicação durante a pandemia, a utilização por conta própria de multivitamínicos também foi verificada entre os estudos selecionados (WIROWSKI et al., 2022; YASMIN et al., 2022; TOURE et al., 2022; NORTON et al., 2022). O suplemento de vitamina C e D em altas doses durante a fase aguda da infecção do vírus, poderia ajustar a imunidade do paciente, no entanto, a suplementação de altas doses deve ser prescrita e realizada apenas sob supervisão médica, por isso o uso dessas vitaminas poderia se tornar um problema (BAE; KIM, 2020).

Diante da diversidade de estudos que verificaram a automedicação de antibióticos, AINEs e vitaminas durante a pandemia da COVID-19, é importante destacar que a diversidade das metodologias e do público-alvo são condições limitantes na obtenção de resultados que possam comprovar e explicar os diversos fatores associados à automedicação nesse período. Neste sentido, deve-se prosseguir com os estudos a fim de se ter uma melhor elucidação dos mecanismos associados aos impactos da automedicação, bem como continuar a verificação dos medicamentos mais utilizados nessa prática preocupante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise dos diversos artigos foi possível verificar alta prevalência de automedicação decorrente do isolamento social na pandemia da COVID-19, principalmente em adultos, estudantes e profissionais da área da saúde, onde os medicamentos e suplementos foram usados como forma de prevenir ou tratar a COVID-19, antes de serem internados e aliviar alguns sintomas como dor de cabeça e febre.

Sendo assim, o profissional farmacêutico tem grande importância através do contato direto com o paciente, principalmente devido ao aumento da automedicação no período pandêmico. Portanto, é evidenciado o seu papel na orientação, dispensação de medicamentos, promoção de medidas de prevenção, conscientização dos efeitos adversos e riscos de intoxicação e interação. Com isso, tem-se a formação de uma sociedade consciente a respeito do uso racional de medicamentos, evitando o hábito da automedicação nos próximos anos.

6 REFERÊNCIAS

- ABE-MATSUMOTO, L.T.; SAMPAIO, G.R.; BASTOS, D.H.M. Suplementos vitamínicos e/ou minerais: regulamentação, consumo e implicações à saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, p. 1371-1380, 2015.
- ACHARYA, A.; SHRESTHA, M.V.; KARKI, D. Self-medication among medical students and staffs of a Tertiary Care Centre during COVID-19 pandemic: a descriptive cross-sectional study. **JNMA: Journal of the Nepal Medical Association**, v. 60, n. 245, p. 59-680, 2022.
- AFRASHTEH, S.; ALIMOHAMADI, Y.; SEPANDI, M. The role of isolation, quarantine and social distancing in controlling the COVID-19 epidemic. **Journal of Military Medicine**, v. 22, n. 2, p. 210-211, 2020.
- AITAFO, J.E. et al. Self-Medication among health workers during the COVID-19 pandemic in southern Nigeria: knowledge, patterns, practice, and associated factors. **International Journal of Health Science Research**, v. 12, p. 1-14, 2022.
- AL-KURAI SHY, H.M. et al. Nitazoxanide and COVID-19: a review. **Molecular Biology Reports**, v. 49, n. 11, p. 11169-11176, 2022.
- ANDRADE, E.A.; MORENO, V.G.; LOPES-ORTIZ, M.A. Profile of use of medicines and self-medication, in a university population, in front of Covid-19 pandemic. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, p. 73772-73784, 2021.
- BAE, M.; KIM, H. The role of vitamin C, vitamin D, and selenium in immune system against COVID-19. **Molecules**, v. 25, n. 22, p. 5346, 2020.
- BARROS-SEVILLANO, J.S. et al. Self-medication in times of COVID-19. A perspective from Peru. **Gaceta Medica de Mexico**, v. 157, n. 1, p. 116, 2021.
- BOMFIM, J.H.G.G.; GONÇALVES, J.S. Suplementos alimentares, imunidade e COVID-19: qual a evidência? **VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde**, v. 32, n. 1, p. 10-21, 2020.
- BRAOIOS, Alexandre et al. Uso de antimicrobianos pela população da cidade de Jataí (GO), Brasil. **Ciência & saúde coletiva**, v. 18, p. 3055-3060, 2013.
- BRASIL - NOTA PÚBLICA: **CNS alerta sobre os riscos do uso da Cloroquina e Hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1194-nota-publica-cns-alerta-sobre-os-riscos-do-uso-da-cloroquina-e-hidroxicloroquina-no-tratamento-da-covid-21>. Acesso em: 10 mar 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria no 32, de 13 de janeiro de 1998**. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária aprova o regulamento técnico para fixação de identidade e qualidade de suplementos vitamínicos e ou de minerais. Diário Oficial da União 1998; 15 jan.
- BRITO, J.C.M. et al. Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a COVID-19 (SARS-CoV-2): Um problema emergente. **Brazilian Journal of Health and Pharmacy**, v. 2, n. 3, p. 37-53, 2020.

- CALLAU, M. A. M. et al. Automedicação com antibióticos e suas consequências fisiopatológicas: uma revisão. **Revista Rios Saúde**, v. 1, n. 1, 2018.
- CASTRO, P.R.M. et al. Impactos psicológicos em adultos durante a pandemia de COVID-19: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. 1-11, 2021.
- COLBERT, G.B.; VENEGAS-VERA, A.V.; LERMA, E.V. Utility of telemedicine in the COVID-19 era. **Reviews in cardiovascular medicine**, v. 21, n. 4, p. 583-587, 2020.
- COSTA, J.A. et al. Hábitos alimentares durante a pandemia da COVID-19: O que mudou? **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, p. e134111233941-e134111233941, 2022.
- DELGADO, A.F.S.; VRIESMANN, L.C. O perfil da automedicação na sociedade brasileira. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 12, n. 11, p. 57-75, 2018.
- DOS SANTOS, R.C.; DE OLIVEIRA, C.M.S. Os impactos da automedicação com ivermectin adurante a pandemia da covid-19. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 11, p. 609-617, 2022.
- FAQIHI, A.H.M.A.; SAYED, S.F. Self-medication practice with analgesics (NSAIDs and acetaminophen), and antibiotics among nursing undergraduates in University College Farasan Campus, Jazan University, KSA. **Annales pharmaceutiques francaises**, v. 3, n. 1, p. 275-285, 2021.
- FREIRES, M.S.; JUNIOR, O.M.R. Resistência bacteriana pelo uso indiscriminado da azitromicina frente a Covid-19: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 1, p. e31611125035-e31611125035, 2022.
- GAVIRIA-MENDOZA, A. et al. Self-medication and the 'infodemic' during mandatory preventive isolation due to the COVID-19 pandemic. **Therapeutic Advances in Drug Safety**, v. 13, n. 6, p. 1-12, 2022.
- GILLIES, M.B. et al. Changes in antibiotic prescribing following COVID-19 restrictions: Lessons for post-pandemic antibiotic stewardship. **British journal of clinical pharmacology**, v. 88, n. 3, p. 1143-1151, 2022.
- GOLDONI, E.C.; FERREIRA, L.M.; SOARES, L.SM.L. Uso de dexametasona no COVID-19: uma revisão integrativa de literatura: Use of dexamethasone on COVID-19 treatment: an integrative literature review. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 12, p. 77850-77862, 2022.
- GONÇALVES, H.R.; BOSSOLANI, G.D.P. Efeitos adversos do uso de anti-inflamatório não-esteroidais (AINEs) no sistema gastrointestinal: revisão de literatura. **Revista Saúde Viva Multidisciplinar da AJES**, v. 3, n. 4, 2020.
- GRAS, M. et al. Impact of the COVID-19 outbreak on the reporting of adverse drug reactions associated with self-medication. **Annales pharmaceutiques francaises**, v. 3, n. 1, p. 522-529, 2021.

HOLFORD, P. et al. Vitamin C—An adjunctive therapy for respiratory infection, sepsis and COVID-19. **Nutrients**, v. 12, n. 12, p. 3760, 2020.

ISER, B.P.M. et al. Definição de caso suspeito da COVID-19: uma revisão narrativa dos sinais e sintomas mais frequentes entre os casos confirmados. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, 2020.

JIRJEES, F. et al. Self-medication with antibiotics during COVID-19 in the Eastern Mediterranean region countries: a review. **Antibiotics**, v. 11, n. 6, p. 733, 2022.

MALCHER, C.M.S.R. et al. Automedicação e uso de antibióticos: análise qualitativa em uma comunidade virtual. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, p. e25111133191-e25111133191, 2022.

MALIK, M. et al. Self-medication during Covid-19 pandemic: challenges and opportunities. **Drugs & Therapy Perspectives**, v. 36, n. 3, p. 565-567, 2020.

MALTA, D.C. et al. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4, p. 1-17, 2020.

MAKOWSKA, M. et al. Self-medication-related behaviors and Poland's COVID-19 lockdown. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 22, p.1-19, 2020.

MELO, J.R.R. et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, 2021.

MENEZES, C.R.; SANCHES, C.; CHEQUER, F.M.D. Efetividade e toxicidade da cloroquina e da hidroxicloroquina associada (ou não) à azitromicina para tratamento da COVID-19. O que sabemos até o momento? **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2020.

MESQUITA, L.S.; MELO, J.D.G. Vendas de medicamentos para o tratamento de COVID-19 em uma drogaria de rede privada na cidade de Redenção-Pará. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. e290101421997-e290101421997, 2021.

NASERI, S. et al. The prevalence of self-medication in breastfeeding mothers during the COVID-19 pandemic. **Journal of Mother and Child**, v. 26, n. 1, p. 58-65, 2022.

NORTON, J. C. et al. Analysis of COVID-19 pandemic on supplement usage and its combination with self-medication within the state of Arkansas. **Journal of Dietary Supplements**, v. 20, n. 2, p. 171-198, 2023.

OLIVEIRA, K.; DUTRA, A.C.G.; AZEVEDO, A.C. OS IMPACTOS DA AUTOMEDICAÇÃO NA SAÚDE. **Episteme Transversalis**, v. 12, n. 2, 2021.

OSORIO, M.J.A.; RODICIO, L.A.B. Indicación farmacéutica en gripe y resfriado en el contexto del COVID-19. **Pharmaceutical Care España**, v. 23, n. 1, p. 40-72, 2021.

OMS – Organização Mundial da Saúde. World Health Organization. **The role of the pharmacist in self-care and self-medication**. Report of the 4th WHO Consultive Group on the role of the pharmacist. The Hague: World Health Organization; 2000.

PANDEY, S. et al. Ivermectin in COVID-19: What do we know? **Diabetes & metabolic syndrome**, v. 14, n. 6, p. 1921, 2020.

PANDOLFI, S. et al. Paracetamol in the home treatment of early COVID-19 symptoms: a possible foe rather than a friend for elderly patients? **Journal of Medical Virology**, v. 93, n. 10, p. 5704, 2021.

PENHA, I.N.S. et al. O uso de medicamentos controlados durante a pandemia da Covid-19 observado em uma drogaria na região do sudoeste baiano. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. e246101623752-e246101623752, 2021.

PINHEIRO, R.C.A. et al. Os impactos do estresse na imunidade humana: um estudo da psiconeuroimunologia sobre os efeitos causados pela pandemia da COVID-19. **Revista Multidisciplinar emSaúde**, v. 2, n. 2, p. 14-14, 2021.

PONS, E.S. et al. Predisposing factors to the practice of self-medication in Brazil: Results from the National Survey on Access, Use and Promotion of Rational Use of Medicines (PNAUM). **PLoS One**, v. 12, n. 12, p. e0189098, 2017.

QUINCHO-LOPEZ, A. et al. Self-medication practices to prevent or manage COVID-19: A systematic review. **PLoS One**, v. 16, n. 11, p. e0259317, 2021.

QUISPE-CAÑARI, J.F. et al. Self-medication practices during the COVID-19 pandemic among the adult population in Peru: A cross-sectional survey. **Saudi pharmaceutical journal**, v. 29, n. 1, p. 1-11, 2021.

ROTHAN, H.A.; BYRAREDDY, S.N. The epidemiology and pathogenesis of coronavirus disease (COVID-19) outbreak. **Journal of autoimmunity**, v. 109, p. 102433, 2020.

SCHUCHMANN, A.Z. *et al.* Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, p. 3556-3576, 2020.

SHRESTHA, A.B. et al. The scenario of self-medication practices during the covid-19 pandemic; a systematic review. **Annals of Medicine and Surgery**, p. 104482, 2022.

SILVA NETO, I.F. et al. Influência das mídias sociais na automedicação na pandemia da COVID-19: Influence of social media on self-medication in the COVID-19. **Revista de Saúde Coletiva da UEMS**, v. 12, n. 1, p. 1-8, 2022.

SILVA, A.O.M. et al. O papel do farmacêutico na automedicação de medicamentos isentos de prescrição. **Revista de Trabalhos Acadêmicos - Campus Niterói**, n. 2, 2016.

SILVA, L.B. et al. Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina. **Espaço Saúde(Online)**, p. 27-36, 2015.

SINGH, B. et al. Chloroquine or hydroxychloroquine for prevention and treatment of COVID-19. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, n. 2, 2021.

SIQUEIRA, K.M. et al. Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 68-73, 2006.

SOUZA, T.S. et al. Mídias sociais e educação em saúde: o combate às Fake News na pandemia da COVID-19. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 1. ESP, 2020.

SRIDHARAN, G.K. et al. COVID-19 and avoiding ibuprofen. How good is the evidence? **American journal of therapeutics**, 2020.

TOURE, A. et al. Self-medication against COVID-19 in health workers in Conakry, Guinea. **Journal of Public Health in Africa**, v. 13, n. 2, p. 1-4, 2022.

VARGO, D. et al. Digital technology use during COVID-19 pandemic: A rapid review. **Human Behavior and Emerging Technologies**, v. 3, n. 1, p. 13-24, 2021.

VEIGA, R.A.S. et al. Telemedicina e COVID-19: uma revisão de literatura. **Revista Bioética CREMEGO**, v. 3, n. 1, p. 40-48, 2021.

VILETTI, F.; SANCHES, A.C.C. Uso indiscriminado e/ou irracional de antiinflamatórios não esteroidais (AINES) observados em uma farmácia de dispensação. **Visão Acadêmica**, v. 10, n. 1, 2009.

WHO. World Health Organization. **Coronavirus disease (Covid-19) pandemic. 2020**. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>>.

WIROWSKI, N. et al. Prevalência de automedicação para COVID-19 entre adultos jovens durante a pandemia no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. 1-10, 2022.

XAVIER, M.S. et al. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 225-240, 2021.

YASMIN, F. et al. Self-medication practices in medical students during the COVID-19 pandemic: a cross-sectional analysis. **Frontiers in Public Health**, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2022.

ZWIELEWSKI, G. et al. Protocolos para tratamento psicológico em pandemias: as demandas em saúde mental produzidas pela COVID-19. **Debates em psiquiatria**, v. 10, n. 2, p. 30-37, 2020.

Apêndice A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Eu,

Nathália Magalhães AlcântaraRA 37823

Declaro, com o aval de todos os componentes do grupo a:

AUTORIZAÇÃO NÃO AUTORIZAÇÃO ()

Da submissão e eventual publicação na íntegra e/ou em partes no Repositório Institucional da Faculdade Unida de Campinas – FACUNICAMPS e da Revista Científica da FacUnicamps, do artigo intitulado: A automedicação em tempos de Pandemia da Covid-19: Uma revisão integrativa da literatura.

de autoria única e exclusivamente dos participantes do grupo constado em Ata com supervisão e orientação do (a) Prof. (a): Danielle Silva Araújo

Curso: Farmácia Modalidade afim TCC

O presente artigo apresenta dados válidos e exclui-se de plágio.

Nathália Magalhães Alcântara

Assinatura do representante do grupo

Danielle Silva Araújo

Assinatura do Orientador (a):

Goiânia, 05 de julho de 2023.